

ilustrada

Morre aos 75 o artista Geraldo de Barros

MARIO CESAR CARVALHO
da Reportagem Local

Morreu ontem em São Paulo o artista plástico, fotógrafo, designer e industrial Geraldo de Barros. Tinha 75 anos.

Ele sofreu uma embolia pulmonar (obstrução dos vasos sanguíneos do pulmão). Estava internado havia duas semanas no hospital Beneficência Portuguesa por causa de uma hemorragia gástrica. Na última semana, contraíra pneumonia. Será enterrado amanhã às 11h no cemitério São Paulo.

Barros foi um dos fundadores do concretismo, movimento que mudou a arte brasileira nos anos 50 com obras que aliavam abstração e rigor geométrico.

Nascido em Xavantes (SP), ele começou a estudar pintura em 1947 com Yoshia Takaoka. A partir daí, teve uma carreira meteórica. Em 1950, fez sua primeira exposição, de fotos abstratas.

Barros via a fotografia como parente próxima da gravura. Fotografava detalhes que ninguém sabia de onde tinham saído, manipulava negativos, riscava-os.

Vistas hoje, são fotos assustadoras pela capacidade de extrair do banal imagens que não se entregam à primeira vista.

Com essa exposição, ganhou uma bolsa para estudar na Escola Superior de Belas Artes em Paris. Foi lá, em 1951, que ele conheceu uma de suas maiores influências, o artista suíço Max Bill, pai e teórico da arte concreta.

De volta ao Brasil em 1952, Barros passou a disseminar aqui os princípios concretistas na arte. A idéia básica do movimento era de que toda a arte baseada na representação estava esgotada.

O mundo industrial e os novos conhecimentos sobre o olhar exigiam uma nova arte. "A nossa inteligência não pode ser a de Leonardo (da Vinci). A história deu um salto qualitativo: não há mais continuidade!", defendia o Mani-

ifesto Ruptura, lançado em 1952 por Barros, Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux e Luís Sacilotto.

O manifesto foi um choque. À época, Portinari e suas imagens da pobreza, incensadas pelo Partido Comunista, eram o sinônimo de arte no Brasil.

Barros, ligado aos socialistas, defendia outro tipo de militância. Queria tirar a arte do cordão sanitário dos museus e disseminá-la no cotidiano com móveis e objetos. Em 1954, ele criou a Unilabor, uma cooperativa de móveis modernos que tentava levar adiante essa utopia.

Em 1964, a utopia ganha escala industrial com a criação da fábrica de móveis Hobjeto, que provocou uma reviravolta no design e na indústria.

Dois anos depois, Barros fundou a Rex Gallery, com Wesley Duke Lee e Nelson Leirner. Era uma galeria que debochava do mercado de arte, com performances e maluquices típicas dos anos 60.

Na década seguinte, seus trabalhos se aproximaram da pop arte e dos cartazes publicitários. O alvo era a comunicação de massa.

Nos anos 80, Barros voltou ao concretismo com novas provocações. Criava obras geométricas em fórmica, tipo de trabalho que pode ser multiplicado infinitamente.

Em 1987, com uma exposição na Suíça, as fotos de Barros foram redescobertas. Já passaram por mostras na França, Alemanha e EUA. A consagração definitiva está agendada para 1999. O Museu Ludwig (Alemanha), um dos mais prestigiados da Europa, prepara uma retrospectiva de Barros.

O artista estava tão animado que voltara a criar. Com o lado direito do corpo paralisado desde 1983 por uma isquemia, ele usava auxiliares para recortar fotos da família, retomando os princípios que aplicara no início da carreira.

Casado com Electra, ele deixa duas filhas: a poeta e artista gráfica Lenora e a artista plástica Fabiana.



O artista Geraldo de Barros em foto feita por Bob Wolfenson para a revista "Bravo!" em 6 de março



"A Menina do Sapato" (1949)



"Circo Orlando Orfei" (1976)

MEMÓRIA

Um pé na racionalidade, outro na experimentação

PAULO HERKENHOFF
especial para a Folha

Sempre me indaguei quem foi o artista icônico de São Paulo no pós-guerra. Waldemar Cordeiro ou Geraldo de Barros? Inútil indagação. Cada um, a seu modo, mudou o Brasil. Somos herdeiros de muitos Geraldos de Barros. Fotógrafo, pintor, desenhista industrial, designer gráfico, professor, industrial. Era um construtor com um pé na racionalidade e outro na experimentação. Sua poética nasce disso.

Neste século, num primeiro momento, São Paulo chegou a confundir modernismo e futurismo, definindo uma relação dinâmica entre arte e "progresso". Eram os anos da paulicéia desvairada.

No pós-guerra, a atitude retorna numa perspectiva mais complexa, envolvendo estética industrial, pensamento social, teoria estética. Nos anos 50, São Paulo já não pode mais parar. Havia a nostalgia da promessa utópica da Bauhaus, que se renova com a presença de Max Bill entre nós e que se reinventa com Cordeiro e Barros. Des-

de cedo compreenderam ser necessária a ruptura.

Para eles, o Brasil não teria simplesmente uma "alma construtiva", mas era potencialmente um campo de experimentação poética, racionalidade e inscrição social da arte. Colocavam juntos Mondrian e Gramsci, gestalt, ácidos do estúdio fotográfico e madeira compensada.

A obra de desenhista industrial de Geraldo de Barros resultou numa linha em que o interesse estético nascia da funcionalidade e da administração de custos de produção. Nesse sentido, é um dos pioneiros, como Zanini, na idéia de uma produção de massa de móveis modernos simples e funcionais. Estava mais à esquerda do sofisticado móvel de Tenreiro. Ou seja, instituiu a prática social de produção do design para consumo pragmático e estético em larga escala.

Radha Abramo disse que ele era um designer das coisas diretamente ligadas ao homem. Num certo momento, a própria organização da produção de seus móveis significou uma espécie de experimen-

tação de uma utopia socialista.

A espessura, ou a consistência da obra de Geraldo de Barros, se fez mesmo nos momentos em que parecia incoerente.

Suas colagens dos anos 60, irmãs dos "pop-cretos" de Waldemar Cordeiro, testemunham o esgotamento das linguagens geométricas frente à crise social e de comunicação daquele momento histórico, como analisaria seu amigo Mário Pedrosa, nosso crítico maior. Ou seja, sua obra, continuava sendo pensada no embate cultural da sociedade. Foi sempre assim.

Nos anos 80, retorna com esplêndidas construções em fórmica (havia nelas a memória do rigor objetivo dos concretistas) que indicavam os limites da voga expressionista, tantas vezes incoerente, do retorno à pintura. Sua nova produção apelava à razão e, como sempre, justamente se afirmava como uma possibilidade do moderno ali onde se declarava sua crise.

Como fotógrafo, Geraldo de Barros instituiu um novo olhar. A câmara não é a caixa mágica de surpresas, efeitos e armadilha de

congelamento do real. Fotografia, para Geraldo de Barros, era construir um sistema de pensamento visual e não um espelho congelado do real. Sua fotografia não teve cânones técnicos nem estéticos. Experimentou. Sobrepos negativos. Usou cartões de computador.

Seu desafio não era questionar que novas imagens poderia captar, mas como a fotografia poderia se inventar como potencial. Suas "Fotoformas", na história da cultura brasileira, demonstraram um nível de consciência da linguagem que há muito a fotografia não experimentava abaixo do Equador. Com José Oiticica Filho, Geraldo de Barros instalou a fotografia no campo da nossa cultura numa década que nos deu a poesia concreta, o concretismo e o neoconcretismo, a bossa nova, a arquitetura e o cinema novo.

A generosidade pessoal de Geraldo de Barros é uma imensidão que guardo aqui em silêncio. E que compartilho um mito grego, uma artista e uma poeta.

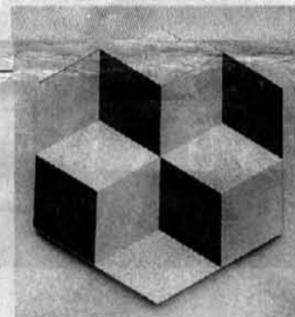
Paulo Herkenhoff é crítico de arte e curador da 24ª Bienal Internacional de São Paulo

REPERCUSSÃO

Wesley Duke Lee, artista plástico - "É uma revolução o modo como ele resolveu a obra dele."

Olívio Tavares de Araújo, crítico de arte - "Um curioso, um inquieto, um inovador, um inventor, mas ao mesmo tempo um espírito organizado e consequente. Ousou transitar entre opostos, como o concretismo ortodoxo, nos anos 50, e a nova figuração, nos 60, influenciado pela arte pop e ligado ao Grupo Rex. Foi um dos pioneiros, no Brasil, de uma fotografia não-narrativa, vista não mais como registro e sim como fenômeno formal. Com o tempo, acho que essa última será sua contribuição mais significativa e importante."

Hermelindo Fiaminghi, artista plástico - "O Geraldo tinha uma afeição pelas pessoas muito especial. Na década de 80, fiz uma exposição retrospectiva no Masp que durou um mês. Ele visitou a mostra todos os dias. Ele sempre foi um pioneiro na arte moderna avançada. Teve qualidades novas. Não só de comportamento, como de feita da obra."



Obra em fórmica (1983)

Nelson Leirner, artista plástico - "Coloco Gebeco como um pioneiro. Não só nas artes, como em tudo o que fez. Era uma grande pessoa, dono de uma generosidade fora do comum."

Lygia Pape, artista plástica - "É uma perda lamentável. Geraldo de Barros vinha trabalhando até o último momento, o que é muito comvente. Com todas as dificuldades, se mantinha um criador."

Arcangelo Ianelli, artista plástico - "Desde que o conheci, nos anos 40, era notório seu espírito de inovação e criatividade. Com o tempo, foi reformulando seu trabalho, seguindo um caminho todo seu, no sentido de uma pintura concretista e geométrica rígida. Seus últimos trabalhos revelam uma grande força."